

Análise estilística do poema “aniversário”, de fernando pessoa

Stylistic analysis of the poem “Aniversário”, by Fernando Pessoa

Sandra Diniz Costa¹

Resumo: O objetivo deste texto é analisar o poema de Fernando Pessoa intitulado “Aniversário”, a fim de oferecer um modelo para que os estudantes façam sua própria análise estilística. Baseando-se em Carreter e Lara (1973), propõe-se uma rota de análise que pode ser útil para os estudantes de Letras. Fernando Pessoa é um ícone em literatura e entender os seus poemas é fundamental não somente para os estudantes, mas para todos nós.

Palavras-chave: Estilística. Fernando Pessoa. Poemas

Abstract: The aim of this paper is to analyze the Fernando Pessoa’s poem named Aniversario, in order to give a model for the students make their own stylistic analysis. It was based on Carreter and Lara (1973). It proposes an analysis route that can be useful for the students of Language courses. Fernando Pessoa is an icon in literature and to understand his poems is fundamental not only to the students, but to all of us.

Keywords: Stylistic. Fernando Pessoa. Poems.

Introdução

Se o ontem teve rosas, teve também
espinhos. Se o hoje tem espinhos, por
que não teria rosas? (Huberto Rhoden)

O objetivo desse trabalho é fazer uma análise estilística do poema “Aniversário”, de Fernando Pessoa, que possa servir de base para que os alunos do Curso de Letras possam realizar suas próprias análises de textos. Não se trata de um modelo a ser seguido, mas de sugestão de caminhos para que a análise estilística de um texto se torne uma tarefa mais fácil e agradável.

A base teórica é a proposta de Lázaro Carreter e Cecília de Lara (1973) que, não obstante antiga e obviamente enriquecida por novas experiências hauridas ao longo dos anos, ainda se delinea como um roteiro eficiente na compreensão e análise de textos.

¹ Mestre em Linguística pela UFG. Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Fundação Carmelitana Monte Carmelo - FUCAMP. Contato: professorasandradiniz.ufu@gmail.com

1. Metodologia de análise

Carreter e Lara sugerem passos para a compreensão eficiente de um texto, que são úteis para o estudante compor o caminho de sua análise. É importante lembrar que, segundo Rifatterre (1973):

A tarefa da estilística é identificar a reação do leitor diante de um texto e encontrar a fonte de suas reações na forma do texto. O estilista é um *arquileitor*, espécie de soma de todos os leitores, i. é., a ele se atribui a cultura máxima (leitura das críticas, dicionários etc.) para detectar as unidades com que o autor balizou seu texto (RIFATERRE, 1973, p. 15).

Carreter e Lara sugerem alguns passos para a boa análise de um texto, conforme a Figura 1.

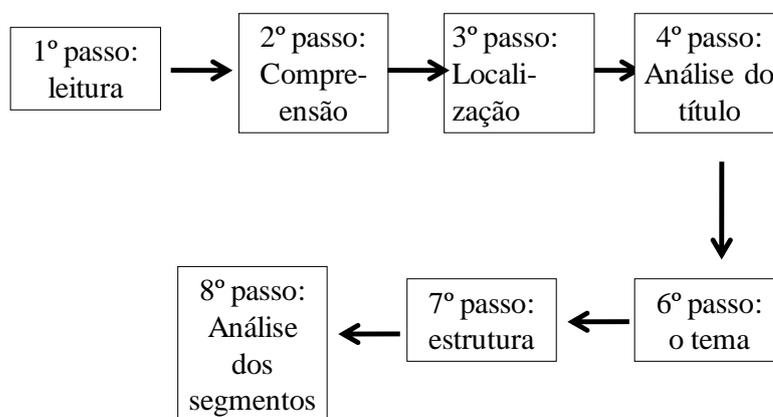


Figura 1. Passos para a análise estilística de um texto

1.1 Primeiro passo: a localização do texto

Antes de se analisar um texto, é necessário que seja feita uma leitura atenta, que levará à compreensão. Quando se diz leitura atenta é isso mesmo o que se quer afirmar: uma leitura calma, vagarosa, que permita a compreensão de todas as palavras. Ler várias vezes o texto, TANTAS VEZES QUANTAS FOREM NECESSÁRIAS À PERCEPÇÃO DE SUA mensagem. Usar o dicionário, porque ele esclarecerá o sentido das palavras desconhecidas. Não se admite, para a análise de um texto, que fique uma só palavra sem ser entendida pelo analista.

Ieda Dias (1973), escrevendo para professores, faz uma afirmação, a respeito da apreciação de poemas, que bem serve aos propósitos das orientações desse nosso trabalho:

Um dos pontos mais importantes no estabelecimento de um clima propício à apreciação poética, por parte dos alunos, é a sua atitude, como

professor, em relação à poesia. Para isso, prepare-se bem, convivendo com o material poético. Isso não quer dizer, naturalmente, que o analista vá esperar o acontecimento, para depois apresentar poemas a seus alunos. Não! O analista vai crescer nessa arte de apreciar e gostar de poesia junto com seus alunos. Leia o poema muitas vezes até penetrar na mensagem do autor. Pare e reflita sobre a dimensão nova dessa mensagem. Pare e aprecie a melodia dos versos, a beleza das imagens, a sonoridade das palavras, a suavidade e leveza dos movimentos, as impressões de luz, cor e sombra, verifique a forma exterior do poema, observe o ritmo ajudando a compreensão etc.[...] Veja o conjunto de todos esses elementos, contribuindo na transmissão da mensagem poética (DIAS, 1973, p. 23).

Assim, uma análise requer um aprofundamento do leitor, uma capacidade de perceber as intenções do escritor, as entrelinhas do texto, as alusões, as ambiguidades. Ler as notas de rodapé, as informações que forem dadas a respeito do texto, porque elas contribuirão para o bom entendimento da mensagem. Por exemplo, no texto “Navegar é preciso”, de Fernando Pessoa, é importantíssimo que se leve em conta a nota:

Navigare necesse; vivere non est necesse - latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 a. C., dita aos marinheiros, amedrontados, que se recusavam a viajar durante a guerra, [cf. Plutarco, in Vida de Pompeu]

Essa nota esclarece que o autor Fernando Pessoa retoma uma frase latina para recontextualizá-la em seu poema. É claro que só o treino constante levará à perfeição.

1.2 Segundo passo: a compreensão do texto

É necessário, aqui, um cuidado: compreender um texto não é interpretá-lo. Fillmore (1980) fala no “envisonamento” de um texto, que é a ação de recriar o mundo do texto na mente do indivíduo que o lê. O envisionamento é construído a partir da leitura das palavras que compõem o texto. Às vezes, a má compreensão de uma expressão pode levar a um envisionamento equivocado. Por exemplo, na análise feita por uma aluna, do poema «Navegar é preciso», a expressão do título levou-a a imaginar que o poema falasse das navegações portuguesas. A partir daí, construiu uma compreensão errônea do texto, que impediu que ela compreendesse a real mensagem do poema. Outra aluna, ao analisar o poema “O menino da sua mãe”, também do poeta Fernando Pessoa, compreendeu erroneamente que o poema se referisse ao relacionamento de uma mãe com o seu filho. É necessário cuidado, pois, para não se construir um envisionamento equivocado. E só a

leitura calma, vagarosa e repetida do texto permitirá que tais desvios de compreensão sejam corrigidos. E também a prática.

Nessa fase, o leitor ainda não vai tomar nenhuma posição em relação ao texto, não vai discutir sua mensagem, vai apenas compreendê-la. Nisso difere a compreensão da interpretação. Essa primeira fase é prévia e preparatória da própria análise do texto. Não se inicia a análise com um comentário das palavras encontradas no dicionário.

1.3 Terceiro passo: a localização do texto

Localizar um texto consiste em esclarecer o local que ele ocupa dentro da obra a que pertence. Aqui, caberão alguns comentários sobre o autor, sobre o momento em que o texto foi escrito, a obra de que faz parte etc. Todas as partes de uma obra literária são solidárias e cada aspecto particular depende do conjunto; por isso é tão importante, na análise de um texto, levar em conta o conjunto a que ele pertence e o lugar que ocupa nesse conjunto.

AINDA NÃO se está analisando propriamente o poema, mas o analista precisa dessas informações. Se tiver acesso a outras análises feitas por outros autores a respeito desse texto também será útil para o trabalho.

1.4 Quarto passo: a análise em si

Agora, chega-se propriamente a análise do texto. Todo trabalho acadêmico deve iniciar-se com a explicitação de seu objetivo e a sua análise não foge às regras. Assim sugere-se que seu trabalho obedeça ao seguinte roteiro:

1.4.1 Título do trabalho

Deve ser um título simples, claro, objetivo, respondendo às perguntas clássicas: o quê, quando, onde, com base em quê. Não colocar palavras vagas como tentativa de, algumas considerações sobre, alguns apontamentos a respeito etc. Não se usa mais isso. O título deve ser objetivo: Análise literária do texto X., do autor Y. Evitar adjetivos tolos, como: análise modesta, belo texto, importante autor etc. Isso torna o seu texto superficial e tolo; ele não será bem aceito nos meios acadêmicos.

1.4.2 Introdução

Num trabalho acadêmico, a introdução NÃO é numerada. O que se coloca numa introdução? Geralmente, o objetivo do trabalho, sua base teórica, a quem se destina, além de alguma informação que o analista considere necessária para apresentar, no intuito de preparar o leitor para sua análise.

1.4.3 Análise do título do texto

O título de um texto (sobretudo literário) quase sempre é uma pista a respeito das ideias veiculadas. O título pode ser um resumo do texto, pode ser um desafio ao leitor, pode ser uma alusão, a retomada de uma afirmação. Assim, a análise do título de um poema é um bom ponto de partida para que a compreensão do texto seja conseguida de maneira eficaz.

1.4.4 Determinação do tema do texto

A determinação do tema de um texto — sua ideia central, o fio condutor da rede metafórica apresentada — é um aspecto fundamental na análise feita. Se o analista errar na formulação do tema, toda a sua compreensão poderá ser equivocada, o seu envisionamento não será correto e seu trabalho ficará prejudicado. O tema revela a intenção do autor ao escrever. Segundo Carreter e Lara, o tema é a “célula germinal do texto”. O tema deve ser formulado de forma clara e breve, que revele o âmago da mensagem. Geralmente, é expresso por um substantivo abstrato, acompanhado de complementos. O tema não deve possuir elementos supérfluos, mas também não pode ser enunciado secamente, sem uma introdução que o justifique.

1.4.5 Determinação da estrutura do texto

Segundo Carreter & Lara, “um texto literário não é um caos. O autor, ao escrever, vai compondo. Compor é colocar as partes de um todo de tal modo que possam constituir um conjunto.” Todas as partes de um texto se relacionam entre si e também se relacionam

com o tema do texto. Cada parte ou segmento provém de modulações diversas que o tema vai adquirindo, à medida que o texto se desenvolve. Descubrem-se os segmentos, observando-se as modulações temáticas, como numa composição musical. Não se deve fragmentar demasiado o tema, para que a análise não perca a unidade.

Os segmentos não correspondem necessariamente às estrofes ou parágrafos e, sim, às novas nuances que o tema vai adquirindo, à medida que o texto é enunciado.

1.4.6 Análise da forma a partir do tema

A explicação ou análise do texto deve ser feita na ordem em que as ideias aparecem. Na explicação, vai-se comprovando, linha por linha, de que modo o tema vai determinando as variações formais construídas pelo autor. A análise consiste em justificar cada uma das variações formais do texto, nos aspectos gráfico, fônico, mórfico, sintático e semântico. A análise deve ser feita segmento por segmento. Como na crítica de um quadro ou de um filme, devem ser esclarecidos TODOS os recursos usados pelo autor. Tudo o que se afirma tem que ser justificado com trechos do próprio texto, entre aspas ou em itálico.

O **estrato gráfico** – aqui, verifica-se o formato do texto: o tamanho dos versos (ou parágrafos), a pontuação, se há versos mais longos que os outros, se há palavras em itálico ou em negrito, ou escritas com maiúsculas etc. Na poesia concretista, o aspecto gráfico tem muita importância, mas em todo texto, é bom verificar se, graficamente, o texto oferece alguma pista para o analista.

O **estrato fônico** - verificadas as questões gráficas, o analista vai dirigir sua atenção às questões fônicas que apareçam no texto: a combinação de sons graves e agudos, abertos e fechados, as rimas, o ritmo e, se houver, as figuras fônicas: aliterações, onomatopeias, ecos etc.

O **estrato mórfico-lexical** - aqui, o analista vai prestar atenção aos aspectos morfológicos que compõem o poema: os prefixos, sufixos, neologismos, arcaísmos. O vocabulário do texto, as expressões expletivas, as classes de palavras empregadas de maneira especial. Verificar também as figuras de palavras: metáforas, metonímias etc.

O **estrato sintático** - aqui, serão verificadas as construções do poeta: concordâncias, regências, colocação de palavras... Verificar as figuras de construção: elipse, zeugma, silepse etc. e as de pensamento: ironias, antíteses, personificações,

paradoxos etc. Esse é o estrato mais rico, uma vez que a maioria das construções tem um objetivo claro do autor no texto.

O **estrato semântico** - todas as construções do autor só têm sentido em relação à mensagem do poema. Assim, o aspecto semântico, ou seja, o tema, será o fio condutor da análise feita.

Apesar de terem sido explicitados os estratos, não se deve fazer a análise de cada estrato separadamente, mas, sim, ir apontando, à medida que aparecem, os recursos usados pelo autor. Não basta uma enunciação da técnica do autor, mas um esclarecimento a respeito do PORQUÊ do recurso usado, em relação ao tema.

A **conclusão** - Como todo trabalho acadêmico, sua análise deverá ter uma conclusão, breve. Aqui, o analista poderá ficar mais livre para externar sua opinião a respeito do texto e fechar o seu pensamento.

2. A determinação do tema

Nesse poema de nostálgicas reflexões, o poeta estabelece um confronto entre duas realidades: a infância feliz, que ficou perdida no tempo, e a vida solitária do adulto, que se sente abandonado e sem esperanças. O poema é como o folhear de um álbum de família, em que as recordações afloram, alegres umas, tristes e sombrias outras. E essas recordações giram em torno de dois eixos principais: as festas de aniversário, evocadas no título e simbolizadas num verso que se repete como um estribilho (*o tempo em que festejavam o dia dos meus anos*), de um lado, e a casa dos seus antepassados de outro (*a casa dos que me amaram*). Esses dois aspectos norteiam as lembranças do poeta, até atingir o clímax desesperadamente explosivo do final. Assim, pode-se formular o tema do poema nos seguintes termos: **Confronto entre o passado feliz e o presente amargo do poeta.**

3. Estrutura do texto

Para essa análise, propõe-se a divisão do poema em cinco segmentos, a saber:

1º segmento: Descrição dos tempos passados, felizes – Do verso 1 ao verso 8.

2º segmento: Os tempos passados vistos com os olhos cínicos do adulto de hoje - Do verso 9 ao verso 18.

3º segmento: O que o poeta é hoje - Do verso 19 ao verso 24.

4º segmento: O passado visto com os olhos da saudade - Do verso 25 ao verso 35.

5º segmento: Desespero do poeta, por não poder voltar ao passado - Do verso 36 ao verso 45.

4. Análise da forma a partir do tema:

O título do poema é uma indicação do ponto de partida das reflexões do poeta: o adulto de hoje se recorda dos aniversários antigos, distantes, perdidos no tempo. O tempo em que festejavam o dia dos seus anos. Um tempo que foi feliz, embora perceba, hoje, que essa felicidade só aconteceu devido às circunstâncias e não a ele próprio. Não foi ele o artífice de seus tempos felizes, mas eles aconteceram em razão dos outros, que ainda não estavam mortos e que comemoravam o dia dos seus anos, como se verá adiante.

4.1 Primeiro segmento: Os tempos passados, felizes - Do verso 1 ao verso 8.

*No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos.
E a alegria de todos, e a minha, estava certa como uma religião qualquer.
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma.
De ser inteligente para entre a família.
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim*

Nesse primeiro segmento, o poeta recorda os tempos passados, que foram muito felizes, embora ele, criança, não tivesse consciência dessa felicidade. Um tempo em que ninguém estava morto. Por essa expressão, percebe-se que a estabilidade emocional do poeta era assegurada, naquele tempo, pela integridade da família. O seu mundo era a família e, se eles estavam vivos, ninguém estava morto. Também a alegria da família, na época, era a felicidade dele e era uma coisa certa, previsível, talvez porque simples. Vê-se o poeta como um elemento passivo desse mundo, um elemento que recebia amor e felicidade e, se os devolvia, era de forma inconsciente.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos

O sujeito indeterminado reforça essa ideia de passividade: não importa deixar claro quem promovia a festa, o que era importante é que ela acontecia, mais como uma tradição,

uma forma de preservação dos valores culturais e familiares. Há quem diga que a preservação das tradições é uma forma de assegurar a conservação do que é considerado importante para determinada comunidade. Assim, a comemoração dos aniversários era, para a família, uma forma de conservar as tradições, como a união dos familiares (*as tias velhas, os primos diferentes*), a alegria, a felicidade, a valorização dos novos membros do clã etc.

Na casa antiga. até eu fazer anos era uma tradição de há séculos

Veja-se, aqui, a importância da preposição *até*, que mostra que a família valorizava as tradições, pois *até* o aniversário de um menino (de todos os meninos) era uma tradição secular. Importante, também, nesse verso, o emprego do verbo *haver* regido de preposição (*de há séculos*), o que sugere uma ideia de continuidade temporal muito mais intensa do que se fosse dito uma tradição de séculos.

Após descrever a época feliz, o poeta faz uma reflexão sobre as possíveis razões dessa felicidade nostálgicamente perdida, como que para sempre: a felicidade era causada pela alienação comum à infância, a felicidade de não saber, de não querer o que não podia ser querido, de não pretender nada mais do que o que era fornecido generosamente pelas circunstâncias. Uma felicidade que não mais seria possível hoje, porque o poeta, hoje, já não é o mesmo: a sua felicidade consistia em *ter a grande saúde de não perceber coisa nenhuma*. E, por não perceber, não sofria, não questionava, aceitava a vida e as coisas tais quais se mostravam. Não tinha ambições, nem mesmo a da inteligência, porque, para o seu universo, a família, já era inteligente. Quando o poeta fala na grande saúde de não perceber coisa nenhuma, faz uma negativa reforçada (*não – nenhuma*), que mostra a força de sua alienação, que é vista como fonte de paz (*a grande saúde*), porque a conscientização dos problemas leva à angústia, que é doença. O poeta, na época, não tinha ambições nem esperanças. Os adultos é que as tinham em seu lugar, a seu respeito. É importante observar o emprego de duas preposições justapostas de ser inteligente *para entre* a família restringindo ironicamente o campo de atuação de suas “vantagens” da época: era inteligente, ou considerado como tal, no círculo restrito da família e isso bastava. Pena que não baste mais!

As pessoas da família não possuíam, na época, importância em si mesmas, mas, sim, em conjunto, como a família total: são sempre tratadas na terceira pessoa do plural, ou por pronomes indefinidos: *ninguém, todos, outros*. Isso é comum nas crianças, que veem

pais, irmãos e demais parentes não em si mesmos, mas como a constelação familiar, de segurança e carinho.

No que toca ao ritmo desse e de outros segmentos, é irregular: os versos são livres, ora muito longos, ora curtos, como a mostrar o tumulto desordenado das recordações, que afluem espontaneamente, sem planejamento. Não há rima, o que reforça a afirmação anterior.

4.2 Segundo segmento: Os tempos passados vistos com os olhos cínicos do adulto de hoje – Do verso 9 ao verso 18

Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.
Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo.
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província.
O que fui de amarem-me e eu ser menino.
O que fui — ai meu Deus— o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos.

Como já iniciara no segmento anterior, o poeta continua suas reflexões sobre o passado e cada vez mais se conscientiza de que aquela felicidade era decorrente das circunstâncias e não de seus méritos pessoais. E suas reflexões tomam-se irônicas e um tanto cínicas, como se ele se envergonhasse da emoção que as recordações vão trazendo.

O segmento inicia-se com um paradoxo: *quando vim a ter esperanças já não sabia ter esperanças; quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida*. Ou seja, quando saiu daquele estado de envolvimento, decorrente da inocência infantil, quando se viu agente de sua vida e quis raciocinar e querer para si mesmo, já era um adulto amargo e desiludido, já não sabia ter esperanças, já perdera (ou nunca o tivera?) o sentido da vida. Tudo o que fora, de feliz, não fora por sua vontade ou por seu mérito, mas pelas circunstâncias, pelos outros: foi de *suposto a si-mesmo, de coração e parentesco*, por ser visto pelos olhos magnânimos e benevolentes dos que o amavam, e conversavam sobre ele, durante os serões. Parece até que se podem ouvir as conversas das tias e comadres (Que gracinha! Esse menino vai longe!... É tão esperto, tão arteiro! Imagine que outro dia...). Não importava ser verdade ou não: era assim que era visto. E hoje, ao ver-se com seus próprios olhos, desiludidos e realistas, o poeta sofre e se entristece: *O que fui ai meu Deus o que só hoje sei que fui... A que distância!... (Nem o acho...) O tempo em que festejavam*

o dia dos meus anos... As reticências refletem o ritmo das recordações e do sofrimento que trazem. Os parênteses em *nem o acho* e as reticências reforçam a ideia de que esse tempo realmente está escondido.

4.3 Terceiro segmento: O que o poeta é hoje - Do verso 19 ao verso 24

*O que sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo grelados nas paredes...
O que sou hoje e a casa dos que me amaram treme através de minhas lágrimas,
O que sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio...
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...*

A amargura do final do segmento anterior prossegue, levando o poeta a refletir sobre a sua realidade, hoje, e ele faz uma comparação de si mesmo com a casa, a dizer-se como *a umidade no corredor do fim da casa, pondo grelados nas paredes*. A imagem plástica é viva e mostra-nos o poeta como consequência, novamente, da vida. Se antes era feliz em consequência das circunstâncias, sua infelicidade, hoje, é também decorrente de não saber, ou não querer viver: ele se vê como algo velho, decrépito, mal-cheiroso e abandonado. *O fim da casa, o fim do corredor*, pode simbolizar o fim da vida, o fim de tudo, das esperanças, inclusive. E, no fim, a saudade. A saudade da *casa dos que o amaram* (não especificamente dos que ele amou) delinea-se como uma síntese de tudo o que queria alcançar, com a casa: a felicidade, o afeto, a segurança e a harmonia da infância. Tudo o que foi e não é mais.

Ainda posicionando-se passivamente, ele é hoje *terem vendido a casa* (novamente o sujeito indeterminado e o verbo na terceira pessoa do plural), *terem morrido todos* e ter ele *sobrevivido a si mesmo como um fósforo frio*. O poeta não lutou por mudar as coisas e, quando elas mudaram, por si mesmas e pela ação do tempo, ele só fez sofrer. Passivo na felicidade, passivo no sofrimento, A única atividade é a de recordar, buscar no passado o que não pode mais ser.

4.4. Quarto segmento: O passado visto com os olhos da saudade Do verso 25 ao verso 35

*Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,*

*Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!
Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado —
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...*

A intensificação das recordações traz um sentimento vivo ao poeta, que começa a externar-se em interjeições e personificações, porque o passado como que ganha vida física, corpo, torna-se quase uma pessoa, para ser tocada pelos dedos febris da saudade: *que meu amor, como uma pessoa esse tempo!* Observe-se o uso do *que* como uma interjeição, que intensifica o sentimento, seguido da expressão *meu amor*, geralmente atribuída a pessoas, não ao tempo... *Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez.* Novamente o paradoxo, já que se é da alma, o desejo não pode ser físico, mas as sensações se misturam, já não permitem distinguir o que é físico e o que é espiritual. O poeta começa a angustiar-se, cada vez mais, com o ritmo das lembranças que se sobrepõem e tornam o presente ainda mais insuportável, pelo confronto com a felicidade passada: *comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!* As metáforas mostram-se violentas, físicas, como se o poeta quisesse tornar as lembranças palpáveis, saboreáveis, cheiráveis.

Vejo tudo com uma nitidez que me cega para o que há aqui.

E o que há ali? O que foi descrito no segmento anterior: o mofo, o abandono, a morte, a solidão. E ele se volta para o passado, ansioso, vendo tudo no quadro cristalizado da saudade. E então passa a descrever minuciosamente os detalhes da festa, tão bonita e tão comum, mas única, porque a dele:... *e tudo era por minha causa, no tempo em que festejavam o dia dos meus anos...* As reticências e os pontos de exclamação realçam o estado de espírito do poeta, envolvido pela suavidade das recordações mesclada com a angústia trazida pela saudade.

4.5 Quinto segmento: Desespero do poeta, por não poder voltar ao passado – Do verso 36 ao verso 45

*Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.*

*Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...*

O ritmo das recordações acentua-se de tal forma que o poeta não suporta mais e grita: *Pára meu coração! Não penses! Deixa o pensar na cabeça!* Aparentemente, tem-se um contrassenso, já que o coração não pensa. Aliás, Fernando Pessoa é mestre na arte do paradoxo. Mas, quando o sofrimento é demais, obscurece a razão; e é isso o que acontece ao poeta. É como se gritasse consigo mesmo para parar de sofrer ao lembrar. E necessário devolver à razão o controle da situação, para que o sofrimento seja um pouco menos intenso. Sofrimento retratado na expressão *ó meu Deus* repetida por três vezes e finalizada por um ponto de exclamação.

Neste segmento, os versos são curtos, separados por pontos finais, dando uma ideia forte do contraste com o passado, suave e longo, doce de se recordar. Ainda uma vez, o poeta é passivo: já não faz anos... *Duro. Somam-se me dias. Serei velho quando o for. Mais nada.* Sempre passivo. Sempre sentindo diante dos fatos da vida. Sofrendo ou sorrindo, mas sempre objeto, nunca agente de seus dias. Nunca sujeito.

CONCLUSÃO

Em todo o poema, permanece o clima de saudade, de recordação de um passado feliz, em oposição a um presente vazio e angustiante. E, em todo o poema, aparece a figura do poeta como um elemento passivo diante das circunstâncias, sorrindo e sofrendo ao sabor delas, sem ter poder, como sujeito, para mudar os fatos.

E os versos finais tão belos: *raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira*, como a criança que traz escondidos os doces roubados da festa, para saboreá-los depois, quando não tiver sobremesa. E todos nós temos nossos docinhos, que tanto gostaríamos de nos ter lembrado de trazer nos bolsos. Como nos adoçariam o presente agora!

Referências

CARRETER, LÁZARO E LARA, CECÍLIA DE. **Manual de explicação de textos.** 1973:25-48.

Costa, S.D.

RIFATTERRE, Michel. **Estilística estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

DIAS, Ieda. **Método de Experiências criadoras**. Belo Horizonte: Vigília, 1970.

FILLMORE, Charles. **Ideal readers and real readers**. Trad. de Sandra Diniz Costa (mimeo). Berkley, 1980.